



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

RECIFE, 25 DE JUNHO DE 1957

NO CLUBE INTERNACIONAL, DESPEDINDO-SE OFICIALMENTE DO CHEFE DE ESTADO PORTUGUÊS, PRESIDENTE FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES.

496

Imagens múltiplas e variadas levará por certo Vossa Excelência, Senhor Presidente Craveiro Lopes, desta viagem de vinte dias pelo território adentro da nação brasileira. Outrora, os heróicos lusos do século XVI — e eram “tão poucos quanto fortes”, segundo se diz em *Os Lusíadas*, num dos versos mais expressivos do Poeta épico por excelência da nossa língua, e não apenas de Portugal, mas igualmente do Brasil, porque Poeta da Raça — os heróicos lusos da colonização, repito, tiveram fôrça humana e visão histórica para defender, sustentar e resguardar para o futuro de uma grande pátria o milagre da integridade e da unidade dêste país, num imenso território de oito milhões de quilômetros quadrados, antes um continente do que um país, no quadro tanto geográfico quanto social e político do Novo Mundo que é a nossa América do Sul. Agora, português moderno, em quem não assinalamos apenas como coincidência gratuita aquêles seus valores biográficos de combatente, como jovem oficial na Europa de 1914-1918 e aventuras em África, como integrador e

consolidador de províncias de além-mar — coube a Vossa Excelência, acompanhado da sua distinta esposa e da sua tão seleta comitiva, reviver ao menos em parte o ânimo forte e o espírito alevantado dos seus ancestrais: deambular, viajar, cruzar, contemplar e guardar dentro do seu mundo interior êsse espetáculo da obra dos portugueses na América, que soubemos continuar como nação independente e da qual estamos sendo dignos, há mais de um século, tanto em progresso material quanto em estilo de cultura.

De tantas imagens, às vêzes vertiginosas e aceleradas, que levará Vossa Excelência — e que, dispersas agora, se fundirão mais tarde em suas recordações e meditações para oferecer-lhe uma fisionomia e um retrato do Brasil — esta sobrelevará e reviverá no espírito de Vossa Excelência: o espetáculo raro de uma civilização fundada pelos portugueses em zonas tropicais e em território americano, na verdade uma civilização nacional, com projeção e influência já internacional, que podemos considerar, sem ufanía exagerada, extraordinária no ambiente atormentado e complexo do presente, maravilhosa, imponente e grandiosa em suas perspectivas nos horizontes rasgados e largos do futuro. Sim, o espetáculo de uma nação caracteristicamente brasileira e nacionalista, sem repudiar nem esquecer o que devemos, antes de todos, a Portugal: eis a imagem primeira e maior que levará Vossa Excelência desta permanência no Brasil — tão honrosa para todos nós que representamos, em mandatos legítimos e democráticos, os três Podêres do Estado, e tão agradável para todos nós, que somos igualmente povo e, como povo brasileiro, vimos para as ruas consagrar a presença do eminente presidente da República Portuguesa em nossa terra.

E agora, neste momento que não está marcado nem pela melancolia dos embarques sem esperança de reencontro, nem pelo desespero das separações e distâncias sem recuperação no tempo e no espaço, porque

a partida hoje do Presidente Craveiro Lopes não significa propriamente uma despedida, conforme caracterizo mais adiante, sinto a tentação de dirigir-me por instante a Vossa Excelência como se o fizesse a todo o povo português, que, aliás, tão legitimamente representa e simboliza, para dizer, ao mesmo tempo, com simplicidade pessoal e eloquência nacional: vejam os portugueses, e vejam todos os portugueses, por intermédio da visão de Vossa Excelência, o que nós, os brasileiros, fizemos da civilização que para cá transportaram aqueles lusitanos que pareciam tudo poder, querer, ousar e realizar apenas com as suas naus de navegadores, com a sua espada de soldados e com sua cruz de cristãos. Nesta civilização genuína e própria, que estamos construindo por entre os tormentos e as incertezas da nossa Idade Contemporânea, não desfiguramos nem descaracterizamos aquela antiga civilização para cá trazida com heroísmo e implantada com sacrificio no limiar da Idade Moderna.

499 Criamos no Brasil um estilo nacional de vida, mas não repudiamos a tradição portuguesa. Somos nacionalistas, mas não esquecemos Portugal para o efeito de uma solidariedade entre povos nas encruzilhadas nem sempre nítidas da situação internacional. Criamos, desenvolvemos e mantemos uma perfeita e completa soberania nacional, ciosa cada vez mais da sua independência e do seu destino dentro do continente americano e em termos de projeção própria na Europa; formamos espontaneamente com Portugal, enraizada ainda mais nos sentimentos fortes e quentes das nossas almas do que nos textos convencionais e frios dos tratados, essa magnífica e creio que inédita construção política e jurídica de entidade supranacional que é a comunidade luso-brasileira. Isto não é uma utopia, nem uma fórmula de cortesia: é uma realidade nossa.

500 E esta realidade brasileira é que esperamos e estamos certos que Vossa Excelência levará para Portugal e a transmitirá a todos os portugueses, como uma das

imagens mais características da fisionomia política e do retrato espiritual dêste povo que se orgulha da sua origem lusitana, neste imenso laboratório geográfico e humano em que sessenta milhões de habitantes procuram criar riquezas, fixar uma cultura nacional e oferecer à nossa época a contribuição do estilo brasileiro de vida e de civilização.

Se foram poucos os dias para uma visão minuciosa e completa de tôdas as nossas regiões, se nem todos os Estados da nossa República Federativa — por efeito dessa luta contra o tempo que é o drama de todos nós, homens de Estado e de govêrno — tiveram a satisfação e o privilégio de receber a visita pessoal de Vossa Excelência, a verdade é que foi unânime e igual o acolhimento do povo brasileiro em todo o território nacional. E no que viu, sem tudo ter visto, sentido e amado, Vossa Excelência viu de fato o Brasil. Pois se somos uma nação complexa nas suas variedades regionais e rica nas suas peculiaridades nacionais, somos também uma nação com unidade, realizando aquele prodígio sociológico da “unidade na variedade”, de tal modo que o Brasil está todo, e por inteiro, no Rio de Janeiro, capital tão justamente valorizada e celebrizada pelos seus requisitos de liberdade, educação e cultura, como está todo igualmente na menor e mais longínqua cidade do interior do país, que se prepara por sua vez para representar o seu papel insubstituível de dar o seu quinhão para a grandeza maior da nossa pátria, num futuro que não vejo nem obscuro, nem distante, mas que já pressinto próximo da nossa geração e que contemplo como do alto de uma montanha, já ao alcance dos meus olhos.

Foi-lhe oferecida nessa viagem, Senhor Presidente Craveiro Lopes, a quem desejo saudar também com o título de amigo — e tanto amigo do meu país quanto meu amigo pessoal —, a oportunidade de percorrer o nosso território em zonas as mais diversas, de cortar os nossos céus nas mais várias direções e coordenadas.

501

502

503 Fêz Vossa Excelência o que poucos brasileiros já fizeram em todos os tempos: traçou, no roteiro do avião, uma linha de viagens do extremo sul ao extremo norte do Brasil, indo diretamente de Pôrto Alegre a Manaus, pelo interior do país, completando o simbolismo dessa jornada com a permanência de um dia e de uma noite em Brasília. E nada me poderia ser mais grato, e mais grato aos brasileiros, do que o seu desejo e o seu gôsto em visitar Brasília, com as palavras de fé e confiança em nossa nova capital que Vossa Excelência pronunciou em seu discurso naquele cruzeiro, ao pé do qual, em maio dêste ano, Dia da Santa Cruz, foi rezada uma primeira e histórica missa pelo eminente cardeal de São Paulo, Dom Carlos Carmelo Mota, semelhança nobre e como réplica de altas intenções daquela outra histórica e primeira missa rezada num dia de abril, naquele distante e quase lendário ano de 1500, quando os portugueses que acabavam de descobrir a chamada terra de Santa Cruz preferiram, para marcar o seu domínio, antes chantar uma cruz na terra do que impor o seu poderio pela espada. Se coube aos portugueses fundarem as nossas duas primeiras capitais, a do Salvador e a do Rio de Janeiro, permanecerá historicamente lembrado que Vossa Excelência foi o primeiro chefe de Estado não-brasileiro a visitar a nossa terceira e definitiva capital.

504 O que pensei em minhas meditações, proclamo-o agora, perante Vossa Excelência — agradeço a Deus o privilégio que me concedeu de encarnar, como presidente da República, o espírito pioneiro e o sentimento nacional que me deram inspiração e fôrça para construir Brasília no coração do Brasil, com um sentido de transformação e transfiguração do meu país.

505 Viu, contemplou e observou Vossa Excelência, em São Paulo, o progresso, a riqueza, a técnica, o ritmo do trabalho de construção do homem em proporções que não se ultrapassam talvez em qualquer outra parte do mundo; em Minas Gerais, viu e sentiu Vossa Excelência

a pura tradição luso-brasileira ao lado de um impeto de progresso em ritmo não vertiginoso, mas seguro, em contacto que estêve com uma grande, bela e moderna cidade de hoje, Belo Horizonte, ao lado de uma cidade do passado, reliquia de arte e história do periodo colonial, aquela Ouro Prêto — que é hoje, como a comovente Olinda que acabamos de visitar — uma expressão representativa do patrimônio do Brasil; observou em Curitiba uma cidade nova, rica e pujante, que avança para o futuro sem esquecer a tradição; em Pôrto Alegre, cidade originada naqueles admiráveis casais de colonizadores dos Açôres, surgiu aos seus olhos a capital de um Estado marcado pela altivez e pelo patriotismo vigilante de povo de fronteira; em Manaus e em Belém, o esplendor de uma natureza que empolga todos os viajantes estrangeiros, como empolgou um Humboldt, e de um rio singular, que mais parece um mar — o “mar dulce” da nomenclatura espanhola; e em Fortaleza, no Ceará, um dos centros ao mesmo tempo mais sugestivos, e de mais futuro do nosso Nordeste. E, agora, Recife, Olinda, Pernambuco.

Bem vejo que a Providência não faz acaso nem dispõe as coisas ao azar. Há um significado profundo nesses dois episódios da viagem de Vossa Excelência: o desembarque na Bahia, vindo de Portugal, e o embarque em Pernambuco, de regresso a Portugal. Pois, na verdade, se na Bahia se constituiu a primeira capital e o centro do govêrno-geral, em Pernambuco se decidiu e se verificou algo de extraordinário no século XVII: a escolha consciente dos brasileiros pela colonização portugueza. Podíamos ter escolhido entre Portugal e os invasores estrangeiros que, em Pernambuco, permaneceram vinte e quatro anos sem nos conquistar, nem nos convencer para uma mudança de rumos. Esta terra do Nordeste, Pernambuco, é uma terra marcada, Senhor Presidente, pela bravura indomável, pela altivez, pelo heroísmo, pela independência de espírito e de coração dos seus habitantes. Já foram recordados

506

devidamente, perante Vossa Excelência, certos feitos históricos, como as batalhas de Guararapes. Desejo evitar as repetições nas referências aos episódios de vitória militar, que são gratos, ao mesmo tempo, aos pernambucanos e aos portugueses. Vou evocar para Vossa Excelência, Senhor General Craveiro Lopes, um diálogo, ou melhor, uma resposta e uma réplica, tocante em sua harmonia de humildade pessoal e grandeza política. Quando o Rei Dom João IV, premido pelas suas dificuldades na Europa em 1640, quando mal Portugal readquiria a sua autonomia peninsular com a Restauração, alguns estadistas, e dos mais eminentes da sua Côrte, como o Padre Antônio Vieira, julgando impossível a manutenção total do Brasil, aconselharam o monarca a ceder e entregar o Norte do Brasil à Holanda para poder resguardar e conservar o Sul para Portugal. E o Rei Dom João IV ordenou aos pernambucanos que cessassem a resistência e depusessem as armas na luta da chamada Insurreição Pernambucana já em marcha contra os invasores holandeses. Mandaram os pernambucanos esta resposta ao soberano:

507 “Pedimos dizer a El-Rei que, primeiro, vamos expulsar os invasores e os inimigos de Portugal e, depois, então, iremos a Lisboa para receber de El-Rei, como súditos conscientes, o castigo pela nossa desobediência.”

508 Gesto e palavras que encontrariam, cêrca de um século depois, uma digna e alta compensação numa frase do sábio e experiente Dom Luís da Cunha, representante diplomático de Portugal em Paris, dirigida ao seu Rei Dom João V — frase que era textualmente esta: “Eu convido Vossa Majestade, meu Rei, a governar de costas voltadas para a Europa e de frente para a América, com os olhos postos no Brasil.”

509 Vou terminar, Senhor Presidente e meu caro amigo, embora haja mais o que dizer na partida de que na chegada. Falei das manifestações do Brasil. Elas se exprimiram logo de início no Rio de Janeiro e ficarão para sempre simbolizadas naquelas manifestações do

povo carioca como sentimentos de estima, de aprêço e de admiração do Brasil a Vossa Excelência. Daqui me volto, em mensagem comovida ao povo da capital do país, para agradecer a maneira extraordinária, em calor e vibração, com que o acolheu.

E dirijo aos portugueses apenas esta mensagem porque a êles Vossa Excelência se dirigirá melhor e mais legitimamente. Digo-lhe daqui, desta Recife que é uma ponta avançada da América em direção da Europa: o que fizemos nestes vinte dias foi o que estava nos nossos sentimentos de amor e nos nossos impulsos de justiça: uma consagração pessoal para o nome do Presidente Craveiro Lopes, uma apoteose para o nome de Portugal.

510

E como aceitar a idéia de uma despedida e de uma separação? Em nome da minha mulher e no meu próprio, apresento a Vossa Excelência e a sua Senhora, como chefe de Estado do Brasil, não um adeus, mas um "até breve", de acôrdo com a união dos nossos dois governos e a fraternidade das nossas duas Pátrias.

511